

DA ANÁLISE AUTOMÁTICA DO DISCURSO AO DISCURSO DO SUJEITO DO DESEJO: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A TEORIA DO DISCURSO DE MICHEL PÊCHEUX

Sérgio Augusto Freire de Souza*

UFAM

Resumo: *A análise de Discurso de Michel Pêcheux tem seu momento inaugural com o livro Analyse automatique du discours (AAD-69). Desde seu início, a noção de sujeito se faz presente como organizadora dos processos epistemológicos. Mas não se trata de qualquer noção de sujeito. Convoca-se uma noção de sujeito contingente, interpelado pela ideologia e barrado pelo inconsciente. Este artigo se propõe a acompanhar o surgimento dessa noção e cartografar seus atualizações em relação à teoria. De um lugar descritivo do sujeito do inconsciente, propomos que o barramento ideológico produz resistência pulsional que, em última instância, provoca e permite a desidentificação ideológica. O artigo se divide em três momentos. No primeiro, retomamos a constituição teórica da AD, revisitando brevemente suas fases e seus construtos para compreender como a Psicanálise vai aparecendo no deslocamento da teoria de Pêcheux. Em um segundo tempo, trazemos para a discussão o texto Só há causa daquilo que falha (PÊCHEUX, 1978), em que Pêcheux retifica posições anteriores e enfatiza o valor teórico, político e histórico da falha, evidenciando, com isso, o liame com a presença da Psicanálise em relação ao sujeito. Por fim, concluímos apontando para uma ampliação da análise que vá além das recorrências e que vise também à interpretação das políticas de resistência do sujeito, a partir do aporte da Psicanálise, para que se possa compreender o discurso na sua contradição constitutiva do mesmo e do diferente, em seu duplo plano, o da ideologia e o do inconsciente.*

Abstract: *Michel Pêcheux's Discourse Analysis has its inaugural moment when Analyse automatique du discours (AAD-69) came out in*

1969. *From its inception, the notion of subject has been present as one of the many organizers of the epistemological processes of the theory. But the notion of subject is not any notion. A notion of contingent subject is called upon. The subject in the theory is summoned by ideology and barred by the unconscious. This article aims to follow the emergence of this notion and to map its pathway in relation to the theory development. From a descriptive place for the unconscious subject, we propose a move to a dynamic feature for this subject. At the same time ideology tries to define meanings within its scope, it also produces instinctual resistance that ultimately provokes and permits ideological disidentification. The article is divided into three parts. In the first part, we return to the theoretical constitution of Discourse Analysis, briefly revisiting its phases and constructs to understand how psychoanalysis appears in the aggiornamento of Pêcheux's theory. In a second moment, we bring to the discussion the text "There is only cause for what fails" (PÊCHEUX, 1978), in which Pêcheux rectifies previous positions and emphasizes the theoretical, political and historical value of failure, thus evidencing the link with presence of psychoanalysis in relation to the subject. Finally, we conclude by pointing to a broadening of the analysis that goes beyond recurrences and aims at the interpretation of the subject's resistance policies, based on psychoanalysis. By so thinking, discourse can be understood in its constitutive contradiction of the same and the different producing meaning and subjectivity in its double aspect, that of ideology and the unconscious.*

*E se [...] a revolta é contemporânea
da linguagem, é porque sua própria
possibilidade se sustenta na existência
de uma divisão do sujeito, inscrita no
simbólico.*

Michel Pêcheux¹

1. Introdução: a AAD69 e a convocação do sujeito

Bem sabem os que trabalham com sentido que datas carregam em si uma carga simbólica significativa. Sempre provocam o acontecimento que acompanha a estrutura, nos sentidos que Michel Pêcheux dá a ambos (Pêcheux, 1990). Foi assim com os "500 anos do Brasil", em

2000. Desde então, o acontecimento deslocou para a seara do *non-sens* falar em “descobrimto” do país. Os livros de História hoje modalizam a linguagem com expressões como “achamento do Brasil”, “chegada dos portugueses” etc.

Em 2019, são cinquenta anos desde a publicação de *Analyse automatique du discours* (AAD-69), de Michel Pêcheux, consequência da tese defendida pelo autor em 1968. Um motivo a mais para reler e repensar os pressupostos epistemológicos articulados por Pêcheux à luz do benefício do tempo transcorrido e das consequentes elaborações e reelaborações teóricas que compõem a tessitura da Análise de Discurso (AD, doravante) com que trabalhamos.

Este artigo se divide em três momentos. No primeiro, retomamos a constituição teórica da AD, revisitando brevemente suas fases e seus construtos a partir de certos recortes para compreender como a Psicanálise vai aparecendo no deslocamento da teoria de Pêcheux. Em um segundo tempo, trazemos para a discussão o texto *Só a causa daquilo que falha* (Pêcheux [1978] 1988), em que Pêcheux retifica algumas posições anteriores e enfatiza o valor teórico, político e histórico da falha, evidenciando, com isso, o liame do discurso com a presença da Psicanálise em relação ao sujeito. Por fim, concluímos considerando alguns aspectos da relação Discurso-Psicanálise, apontando que a análise vai além das recorrências e demanda a interpretação das políticas de resistência do sujeito, a partir do aporte da Psicanálise. Essa ampliação da análise permite compreender o discurso na sua contradição constitutiva do mesmo e do diferente, em seu duplo plano, o da ideologia e o do inconsciente.

2. A AD, seus fundamentos, sua teoria e seus tempos

É sabido que Michel Pêcheux já trazia nos artigos que publicara em 1966 e 1968, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, as inquietações que originaram a AD. No primeiro texto, Pêcheux questionava o papel que as ciências sociais desempenhavam no conjunto da prática social, discutindo a questão da técnica e do instrumento científico (Herbert, [1966] 2011); no segundo, ele propunha uma classificação das ideologias, desenhando o esboço de uma teoria ideológica da ideologia (Herbert, [1968] 1995) que viria a criar condições para que interpretássemos uma das teses centrais propostas mais tarde por Louis

Althusser e de fundamental importância para a AD, a tese de que “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos.” (Althusser, [1969] 1996).

No entanto, é no texto *Análise Automática do Discurso - AAD-69* que o Pêcheux apresenta os fios constitutivos de um objeto novo: o *discurso* (Pêcheux, [1969] 1997). A esse texto Denise Maldidier se refere como o “momento quase místico da fundação e do protótipo incessantemente remodelado, criticado, corrigido, finalmente abandonado, mas sempre presente” (Maldidier, 1990a, p. 11).

A Análise Automática do Discurso-1969 (AAD-69) surge em determinada conjuntura teórica. Essa conjuntura é apresentada detalhadamente por Françoise Gadet, Jacqueline Léon, Denise Maldidier e Michel Plon (Gadet; Léon, Maldidier; Plon, 1997), que a dividem em três tópicos: a linguagem, a informática e o sujeito.

Na linguagem, dizem os autores, Pêcheux é tributário às leituras de Ferdinand de Saussure (principalmente na passagem do interesse pela função ao interesse pelo funcionamento da língua), de Zellig Harris (cujo trabalho é a inspiração para o método de análise)², de Noam Chomsky (cujo trabalho suscita, ao mesmo tempo, resistência ao modelo da Gramática Gerativa e acolhimento da dicotomia “estrutura de superfície”/“estrutura profunda” para repensá-la no procedimento metodológico que desenvolvia), de Roman Jakobson (em quem encontra aberturas para ampliar os limites da linguística), de Émile Benveniste (cujo trabalho sobre enunciação só será reconhecido bem mais tarde por Pêcheux, se limitando então a emprestar a ideia de que é a frase a unidade do discurso) e de Antoine Culioli (de quem fez empréstimos terminológicos para a AAD-69).

Na informática, Michel Pêcheux tentava construir uma dupla perspectiva. Por um lado, buscava determinar procedimentos repetíveis que definissem heurísticas para a análise do discurso. Por outro, trazia a perspectiva operacional, com trabalhos computacionais empíricos, que se apresentasse como uma “alternativa teórica e metodológica à análise de conteúdo. [...] Todo dispositivo, enfim, foi representado sob forma de algoritmos, diretamente admissível à programação informatizada destes últimos.” (Gadet; Léon, Maldidier; Plon 1997, p. 55). Para formalizar regras computacionais, Pêcheux recorreu ao domínio das gramáticas formais. O programa da AAD-69 foi escrito em linguagem Fortran IV. O procedimento informatizado seria

paulatinamente abandonado conforme a teoria avançava e ficava mais clara a inadequação do programa aos *aggiornamentos* teóricos do trabalho de Pêcheux.

Sobre a questão do sujeito, os autores afirmam que não era provável que Pêcheux não estivesse familiarizado com o trabalho do psicanalista Jacques Lacan. Dessa familiaridade quase certa se esperava o contato com a presença contundente de um sujeito de natureza psicanalítica, principalmente via trabalhos de Louis Althusser. Pêcheux foi *normalien*, aluno de Althusser e membro do *Cercle d'Epistémologie de l'École Normale*. Apesar da quase certa familiaridade por sua circulação acadêmica junto a Althusser e da aproximação teórica com o sujeito da Psicanálise, as referências e tentativas dos conceitos freudianos e lacanianos na AAD sempre foram muito limitadas. Dizem os autores: “Nem Freud nem Lacan figuram na bibliografia da AAD, e a psicanálise, enquanto tal, se encontra aí apenas furtivamente mencionada.” (Gadet; Léon, Maldidier; Plon 1997, p. 49). Tal descrição se deve tanto a uma questão de política acadêmica – não contrariar uma Psicologia mais positivista e ligada às ideias vigentes de Jean Piaget sustentada pela revista que deveria acolher seu texto – quanto a uma questão de política teórica – na AAD, o Materialismo Histórico ocupava um lugar central e a Psicanálise era vista como uma ideologia pequeno-burguesa, apesar do texto de Althusser (Althusser, 1984) dedicado a defender a Psicanálise como ciência de fato, compreensão esta que certamente abriu a porta para Pêcheux trazer a Psicanálise para sua teorização. Essas contingências das questões políticas, em direção contrária ao desejo de Pêcheux de se apropriar, pelo Materialismo Histórico, da noção de sujeito descentrado acabaram por determinar, pelo menos por um bom tempo, o lugar secundário, mas presente, e a forma como teoria psicanalítica se inscreveu nas teorizações do autor naquele final de década.

Em meio a essa conjuntura, Pêcheux produz a AAD-69. O autor faz uma opção teórica ao trazer a Psicanálise para pensar a ideologia e a questão do sujeito. Narzetti, (2012) a esse respeito, afirma:

Ela [a Psicanálise] é colocada em prática para explicar três questões profundamente relacionadas: o modo como as ideologias levam os sujeitos a assumirem um lugar na sociedade, sem saber que se trata de uma determinação; o “processo

ideológico”, que tem como resultado o recalçamento das dissimetrias próprias das sociedades de classe; e, por fim, a natureza do discurso de uma “mutação ideológica” (p. 164).

Portanto, Pêcheux atravessa a subjetividade com o conceito de inconsciente. O assujeitamento ideológico ocorre sem o que o sujeito se dê conta e o apagamento da exploração presente na luta de classes se dá como um recalçamento psicanalítico de uma pulsão. Bem mais tarde, essa incipiente – mas importante – inscrição da Psicanálise na teoria de Pêcheux vai ser enunciada por ele em texto de 1975: “*o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico* estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação” (Pêcheux, [1975] 1988, p. 133-134, grifos nossos).

A Psicanálise, portanto, aparece juntamente com o Materialismo e a Linguística como referências fundamentais para o quadro epistemológico da AAD-69. Entretanto, a ênfase na técnica informatizada do método secundarizou sua presença naquele primeiro momento. Aí veio a atualização da teoria, que apontou para novas perspectivas.

Em “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas”, de 1975, publicado no número 37 da revista *Langages* (Pêcheux; Fuchs, [1975] 1997) e escrito com Catherine Fuchs, Pêcheux nos apresenta um dos textos mais importantes da AD. É sintomática da aproximação com a Linguística a presença de Fuchs, uma linguista que havia publicado no ano anterior com o especialista em informática Jacques André o livro *Ordinateurs, programmation et langues naturelles*³ (André; Fuchs, 1974).

O foco desse artigo de Pêcheux e Fuchs é a apresentação de um quadro epistemológico de referência para a AD. Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997) afirmam que esse quadro reside na articulação de três regiões do conhecimento:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;

3. A teoria do discurso, como teoria de determinação histórica dos processos semânticos. (p. 164)

Os autores continuam: “Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (p. 164). É interessante apontar a modalização do atravessamento e da articulação (“*de certo modo*”) e a inclusão entre parêntesis da qualificação da natureza psicanalítica da teoria de subjetividade. Para analistas de discurso é impossível não interpretar essas marcas como resquícios de uma resistência, seja pela memória da animosidade do Marxismo em relação à Psicanálise, seja por uma apropriação incipiente da Psicanálise pela própria teoria do discurso.

Com base na fórmula althusseriana de que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeito” (Althusser, [1969] 1996), Pêcheux reafirma a existência da relação entre ideologia e inconsciente. É nesse artigo que surgem as duas formas de esquecimento presentes no discurso (Pêcheux; Fuchs, [1975] (1997), p. 167-168). O *esquecimento número 1* é resultado da forma como somos afetados pela ideologia e dele decorre a ilusão de que somos a fonte do sentido quando, na verdade, retomamos sentidos pré-existentes. O *esquecimento número 2* situa-se na fronteira entre o dito e o não-dito, uma vez que o dizer pode ser outro. São retomados ainda os conceitos de *formação ideológica* e o de *formação discursiva*, apresentados anteriormente em Haroche, Pêcheux e Henry ([1971] 2007). O primeiro sendo definido como “um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classe* em conflito umas com as outras”; o segundo, *formação discursiva*, definido como “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura” (Pêcheux; Fuchs, [1975] (1997), p. 166).

Os autores ainda apresentam a necessidade de se trabalhar com a materialidade linguística para fazer análise. Para isso, descrevem o processo de produção do sentido como surgindo numa formação ideológica, que se organiza então em uma ou mais formações discursivas. Essas formações discursivas, por sua vez, selecionam o que

pode e deve ser dito dentre as possibilidades de enunciação postas pelas condições de produção e, por fim, possibilitam a enunciação pelo sujeito, culminando com a superfície linguística e com o apagamento de todo o processo pelo sujeito, que acredita, então, que o sentido nasceu ali, na enunciação. Fazer análise de discurso é fazer o caminho inverso. Parte-se da superfície linguística, trabalha-se com as paráfrases das marcas para se chegar ao objeto discursivo no *esquecimento número 2* (enunciativo), delimita-se a formação discursiva e se circunscreve o processo discursivo, relacionando-se os discursos às formações ideológicas, no recalamento primeiro do *esquecimento número 1* (o ideológico). (Pêcheux; Fuchs, [1975] (1997), p. 179-181)⁴. Em seguida, no texto, os autores descrevem os procedimentos automatizados de análise.

É importante registrar que Michel Pêcheux apresenta nesse artigo com Catherine Fuchs o primeiro esboço da relação entre enunciação e imaginário. Essa relação foi desenvolvida mais a fundo em *Les Vérités de La Palice (Semântica e discurso)*, publicado em maio de 1975. Apesar da proximidade temporal das publicações do nº 37 de *Langages* (março de 1975) e *Les vérités...* (maio de 1975), o artigo foi escrito bem antes. É possível perceber essa distância pelo amadurecimento das reflexões de Pêcheux na leitura de cada um dos textos.

Em 1983, surge o texto *Análise de discurso: três épocas*, inédito em francês até a publicação em Mالدیدier (1990a). Nele, Pêcheux faz uma retrospectiva teórico-cronológica dos movimentos da teorização da AD. Como o próprio título diz, Pêcheux divide a cronologia em três épocas, arrumadas para fins didáticos, uma vez que há atravessamentos e deslocamentos que se perpassam e se sobrepõem de forma diacrônica pelos três momentos.

O que caracteriza a AD-1 é a noção de “maquinaria estrutural”. A produção discursiva é pensada como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si. Os sujeitos acreditam que usam o discurso quando na verdade são seus “servos”. Os processos discursivos são vários, mas são pensados como justapostos. Há uma crítica ao sujeito cartesiano intencional, que se crê origem de seu discurso. Os traços discursivos são analisados partindo-se do pressuposto de que há a dominação de uma, “e apenas uma”, máquina discursiva. O *corpus* é fechado em seqüências discursivas dominadas por condições de produção estáveis e homogêneas. A análise linguística é um pré-requisito para a análise

discursiva do *corpus*. Traz a ideia de uma “álgebra discursiva” que permitia construir formalmente e de forma informatizada a estrutura geradora do processo associado ao *corpus*. (Pêcheux, [1983] 1997, p. 312-313). Pêcheux conclui, sobre essa época:

AD-1 é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, e trabalhando num espaço em que as “máquinas” discursivas constituem unidades justapostas. A existência do *outro* está pois subordinada ao primado do *mesmo* (p. 313).

Portanto, apesar de já se pensar em um sujeito não-intencional, o foco da subjetividade não era na alteridade enquanto constitutiva do sujeito. A alteridade era compreendida como o outro sujeito ideológico, fora, fechado em seu outro discurso.

Na AD-2, Pêcheux avança para desconstruir a ideia da justaposição de discursos e o foco em um discurso específico. “São as *relações entre* as ‘máquinas’ discursivas estruturais que se tornam o objeto da AD” (p. 314). São relações de força desiguais entre processos discursivos diferentes. Pêcheux afirma que a noção de *formação discursiva* (FD), emprestada de Michel Foucault, faz “explodir” a noção de máquina estrutural fechada, já que o dispositivo de uma FD está em relação paradoxal com seu exterior, sendo invadida por outras FD, fornecendo evidências discursivas fundamentais, como o pré-construído⁵. “A noção de *interdiscurso* é introduzida para designar ‘o exterior específico de uma FD enquanto este irrompe nesta FD para construí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada” (p. 314). Pêcheux, ainda no mesmo texto:

[...] colocando uma relação de entrelaçamento desigual da FD com um exterior, a problemática da AD-2 obriga a se descobrir os pontos de confronto polêmico nas fronteiras internas da FD, as zonas atravessadas por toda uma série de efeitos discursivos, tematizados como efeitos de ambiguidade ideológica, de divisão, de resposta pronta e de réplica “estratégicas”; no horizonte desta problemática aparece a ideia de uma espécie de vacilação

discursiva que afeta dentro de uma FD as sequências situadas em suas fronteiras, até o ponto em que se torna impossível determinar por qual FD elas são engendradas. (p. 314)

O sujeito do discurso continua concebido como efeito do assujeitamento à maquinaria da FD com que ele se identifica, dentro da “ilusão subjetiva” de ser a origem do dizer. No entanto, esse sujeito se filia a uma FD atravessada por outra(s) FD, sendo, portanto, também tocado e assujeitado por outros processos ideológicos além daqueles da FD dominante.

A ultrapassagem da ideia de justaposição das FD se reflete também no nível da construção dos *corpora*, diz Pêcheux, comentando no texto, em seguida, os deslocamentos dos procedimentos informatizados nessa segunda fase.

Por fim, Pêcheux aborda a AD-3, fazendo a ressalva de que é difícil falar do que ainda estava acontecendo. Esse terceiro momento se configura a partir do colóquio *Materialidades Discursivas*, realizado em Nanterre, de 24 a 26 de abril de 1980⁶. Nesse colóquio e a partir dele, a AD passa por vários *aggiornamentos*. Maldivier (1990a) chama essa fase de “a desconstrução domesticada” (p. 64) e no livro que organizou sobre a obra de Pêcheux explica a influência dos trabalhos de linguistas, historiadores e psicanalistas. Pêcheux tentou adquirir novo fôlego ao trabalhar com novos parceiros, como Jacqueline Authier na questão na heterogeneidade, além de se aproximar da leitura de Michel Foucault, que criticara pesadamente em um simpósio no México em 1977⁷, aproximação que se faz pela leitura de Foucault por meio do trabalho de Jean-Jacques Courtine. Outra influência que se faz presente é a de Jean Marie Marandin, que conhecia muito bem a teoria de Pêcheux, sendo, portanto, capaz de aproximá-la a outras referências linguísticas e filosóficas. Até 1983, ano de seu desaparecimento, Pêcheux caminhou sempre com o objetivo de mostrar que a língua está sempre em movimento, assim como também estão em movimento a ideologia, a história e o sujeito.

O sujeito, nessa configuração, segue assujeitado por processos ideológicos. No entanto, esses processos passam a ser vistos na sua contradição com o heterogêneo externo e interno, constitutivos dos processos de subjetivação.

Até aqui fizemos um breve passeio pela história da AD. Não temos a pretensão de abordar a fundo a história da disciplina em um artigo. Há vários outros trabalhos que o fazem bem (*cf.* Maldidier, 1990a; Mazière, 2007; Souza, 2006). Assim, os recortes históricos e teórico-metodológicos que fizemos nos são importantes para a contextualização do que abordaremos a seguir: o lugar da Psicanálise na tessitura da teoria de Michel Pêcheux.

Para entrar nessa discussão, traremos o texto de Pêcheux que mais privilegia a reflexão dessa relação entre o Discurso e a Psicanálise: *Só há causa daquilo que falha*.

3. Só há causa daquilo que falha: a falha como constitutiva e o registro do inconsciente

Nos primeiros textos de Pêcheux, a noção de sujeito que questionava o sujeito agente, cartesiano e fonte do sentido da Linguística e da Psicologia já estava presente. Desde muito cedo, Pêcheux percebeu que o sujeito da língua estava sujeito à língua e se a língua é uma ferramenta, nada mais é do que uma “ferramenta imperfeita”, que mais usa o sujeito do que se permite ser usada (Henry, 2013). Pêcheux sempre esteve convencido de que falar do sujeito é falar do sujeito histórico, um histórico determinado historicamente por processos dos quais o sujeito não se dá conta, por via do inconsciente. Daí sua aproximação com a Psicanálise já nos textos de Thomas Herbert.

Podemos dizer que a noção de sujeito se ajustou ao caminhar da teoria. E se ajustar significa ser incorporada a partir das condições de produção da conjuntura teórica, social e intelectual da época. Na AD-1, como vimos, o sujeito já é pensado como inconsciente, não sabedor dos seus processos de interpelação pela ideologia. Na AD-2, quando se ultrapassa o conceito de FD fechada e justaposta, o sujeito começa a perder sua impermeabilidade e fica, por assim dizer, vulnerável às ideologias de outras FD que, nas inter-relações, atravessam a FD dominante a que o sujeito se filia. Por fim, na AD-3, no primado da heterogeneidade, o sujeito se pulveriza em sua constituição, sendo afetado mesmo pelo outro. Há uma alteridade constitutiva que transforma o outro em elemento fundamental na própria concepção do mesmo.

No primeiro momento, munido das reflexões de Althusser, Pêcheux insistiu em trazer o sujeito inconsciente da Psicanálise para dialogar com o Materialismo Histórico, capitão do barco da teoria e que, como já dissemos acima, considerava a Psicanálise disciplina pequeno-burguesa que esvaziava a luta de classe. Mesmo com o deslocamento do foco da análise do interior da FD para as relações entre FD, no segundo momento, o sujeito continua assujeitado à “maquinaria discursiva” e vivendo na “ilusão necessária” de se achar centro do dizer. Segue sendo um sujeito do inconsciente e, assim, a Psicanálise segue como coadjuvante da teoria, já sem a grande resistência do Materialismo. A diminuição da resistência se dá muito por conta de “uma difusão sem precedente da prática psicanalítica” na França da década de 1970, que rompeu algumas barreiras e preconceitos (Calligaris, 2019, p. 124). Ainda assim, Pêcheux reconhece que ainda faltava à AD se apropriar de fato de uma teoria do sujeito própria. “O que faltava e o que ainda falta parcialmente é uma teoria não-subjetiva da constituição do sujeito em sua situação concreta de enunciator” (Pêcheux; Fuchs, 1997, p. 171). Na terceira fase da AD, as máquinas discursivas explodem e com elas os conceitos arrumados e assépticos que ainda insistiam na teoria. É o início do fim da metodologia informatizada⁸ e o começo de uma outra fase para Pêcheux, que veio a ser interrompida abruptamente por sua morte em 1983.

A Psicanálise se faz presente de forma forte nas teorizações de Pêcheux, sendo a relação Discurso-Psicanálise objeto de discussão e debate no colóquio *Materialidades Discursivas*, em Nanterre, em abril de 1980. Pêcheux começa a enfatizar as contradições internas de um mesmo discurso, o que faz de forma veemente, defendendo Althusser das críticas de reprodutivismo com Françoise Gadet, em um artigo escrito em 1982, mas só publicado no Canadá em 1991 (Pêcheux; Gadet, 2011. p. 93).

Como já afirmamos, todo esse percurso para se pensar a Psicanálise na obra de Pêcheux é culminado com seu texto “Il n’y a de cause que de ce qui cloche”, escrito em 1978. O texto só foi publicado em 1982, como anexo na versão em inglês de *Les Vérités de La Palice*⁹.

No artigo, Michel Pêcheux começa apontando que a efervescência teórica que a França vivia demandava um retorno crítico à “Tríplice Aliança” (Althusser, Lacan e Saussure) que fundamentava a teoria do discurso. Pêcheux reconhece que os erros e “equivocos” apontados

correspondiam não a erros e equívocos, mas à própria natureza heterogênea e contraditória da teoria. Ele diz também que intervir filosoficamente é necessário para fazer nascer algo novo. (Pêcheux, [1978] 1988, p. 294).

Pêcheux afirma que Althusser enunciou teoricamente, com respeito ao sujeito da ideologia, que o Marxismo apresentava uma relação teórica com certos conceitos psicanalíticos, na linha do trabalho de Althusser sobre Freud e Lacan (p. 296). A despeito dessa interlocução, o trabalho de Althusser, lembra Pêcheux, recebeu pesadas críticas de ser funcionalista. Pêcheux, com isso, diz que já em *Les Vérités de La Palice* preferiu caracterizar a luta ideológica de classes como um processo de “reprodução-transformação” das relações de produção existentes. Trazia aqui, portanto, as contradições constitutivas da ideologia que permitiam e permitem sair de um mecanicismo automático de assujeitamento, evitando, assim, a reprodução das relações *ad infinitum*. Incluir a possibilidade de transformação permite pensar na possibilidade da ruptura do sujeito com a ideologia dominante que o assujeita.

A “ruptura” é um conceito fundamental para nós, neste texto, porque ele representa a falha, o espaço da deriva e, portanto, a existência de uma política da resistência do sujeito à ideologia que o domina. Pêcheux afirma que é no espaço da deriva que a AD pretende trabalhar (Pêcheux (1988] 1990, p. 53).

Michel Pêcheux segue o texto fazendo uma retificação, uma “autocrítica” à forma como punha o sujeito. Questiona o involuntário mas presente retorno idealista do primado da teoria sobre a prática em *Les Vérités...*, o que, obviamente era epistemologicamente incompatível com o Materialismo. Diz ele: “levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les Vérités de La Palice*” (p. 300). Pêcheux:

Assim, ficava contornado, com toda obstinação filosófica possível, o fato de que o *non-sens* do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, *nunca é inteiramente* recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto, porque o tempo da produção e do produto não são sucessivos como para o mito platônico, mas estão escritos na

simultaneidade de um batimento, de uma “pulsção” pela qual o *non-sens* inconsciente não para de voltar no sujeito e no sentido que nele pretende se instalar” (p. 300).

E continua:

Só há causa daquilo que falha (J. Lacan). É nesse ponto preciso que ao platonismo falta radicalmente o inconsciente, isto é, a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura: o que falta é essa causa, na medida em que ela se “manifesta” incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho etc.) no próprio sujeito, pois os traços conscientes do significante não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas trabalham sem se deslocar, na pulsção sentido/*non-sense* do sujeito dividido. (p. 300)

Essa presença do discurso psicanalítico no texto traz implicações para a compreensão da interpelação ideológica, que ganha agonística. “Aprender até seu limite máximo a interpelação ideológica como *ritual*, supõe reconhecer que não há ritual sem falhas, enfraquecimentos e brechas [...]” (p. 300-301)¹⁰. Pêcheux reconhece o registro do inconsciente como um plano que funciona exteriormente ao ideológico. E diz:

Retraçar a vitória do lapso e do ato “falho” nas falhas da interpelação ideológica não supõe que se faça agora do inconsciente a fonte da ideologia dominada, depois do fracasso de fazê-lo o impulso do superego da ideologia dominante: a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente (p. 301).

Pêcheux traz a falha como constitutiva e afirma a existência de um registro do inconsciente que funciona em um plano diferente do ideológico, mas reconhece que ambos se tocam materialmente. Ele reconhece também que o inconsciente é fundamental na constituição do sujeito e diz que “se, na história da humanidade, a revolta é

contemporânea à extorsão do sobre-trabalho é porque a luta de classes é o motor dessa história”. Pêcheux completa: “e se, em outro plano, a revolta é contemporânea à linguagem, é porque sua própria possibilidade se sustenta na existência de uma divisão do sujeito, inscrita no simbólico” (p. 302).

É como dizem Pêcheux e Gadet em texto apresentado em 1982: “Contra o narcisismo da comunicação bem-sucedida, tentamos afirmar o valor político e histórico da falha” (Pêcheux; Gadet, [1991] 2011, p. 105).

É inevitável pensar na subjetivação a partir da Psicanálise nesse momento.

A linguagem nos separou da natureza. A entrada no simbólico nos proíbe que os instintos se realizem plenos. Portanto, a linguagem subverte as determinações do instinto. Não comemos só por fome, não fazemos sexo só para procriar, nosso sono não é só fisiológico. Perdemos a fome ou comemos em excesso por algum motivo, deixamos de fazer sexo por questões ideológicas ou morais, perdemos o sono preocupados com algo. O que nos rege é o que Freud chamou de *pulsão* (Freud, [1915] 2013). É essa falta imposta pela contingência da língua e, portanto, no plano do ideológico que constitui o ser humano e que move a vida. A falha é uma característica da língua, não um problema. É a revolta de que fala Pêcheux.

Os sonhos nos dão dicas desses desejos bloqueados pelas leis sociais. Tentando tamponar o buraco intamponável, inventamos sentidos. Às vezes remendamos parcialmente e a vida segue. Às vezes não. E o mal-estar gera a neurose, a angústia, o vazio. Tudo começa com a inadiável entrada do sujeito na linguagem. Só que a linguagem é polissêmica e se agarrar a ela não nos protege em definitivo. É uma areia movediça. Há a falta sempre, que a constitui. Lacan, mais tarde, no *Seminário 10 – a angústia* –, vai dizer exatamente que a angústia vem da falta que o Outro nos desperta como causa de desejo (Lacan, [1962] 2005). Manoel de Barros traduz isso em poesia quando diz que “Tem mais presença em mim o que me falta”¹¹.

Safatle (2007) diz, ainda a respeito do eu libidinal que precede e depois acompanha o eu ideológico:

Para Freud, há algo anterior aos processos de socialização, algo que não é ainda um Eu, mas um corpo libidinal polimorfo e inconsistente. Isso nos explica por que os processos de socialização tendem a se impor através da repressão do corpo libidinal, da culpabilização de toda exigência de satisfação irrestrita perpetuando, com isso, relações de agressividade profunda contra aquilo que serve de ideal. Há um preço alto a pagar para ser um Eu. (p. 18).

Tudo aquilo a que renunciamos – ou somos feitos renunciar – nos volta de formas insuspeitadas.

Resumindo:

O indivíduo nasce, libidinal, sob o signo do desejo, da pulsão. Ao entrar na linguagem, marcado pela falta constitutiva do inconsciente, é assujeitado e, portanto, subjetivado por um processo de interpelação pela ideologia. Ao interpelar o sujeito, o simbólico da língua constrói seu imaginário ideológico, em um o processo que é falho porque há o equívoco, porque há a irrupção do Real no Simbólico¹². Há o Real da História. Daí a possibilidade do sujeito se desidentificar e romper com uma ideologia dominante, sendo, no entanto, imediatamente capturado por outra, pois não há lugar fora da ideologia. Ao mesmo tempo, no plano do inconsciente, o simbólico da língua que interpela o sujeito no plano da ideologia contingencia o sujeito do desejo, brechando suas pulsões. No entanto, como esse também é um processo manco – e só há causa daquilo que falha –, e porque há a falta, há o Real da Língua – *lalangue* (Lacan, [1972] 1982) –, a pulsão irrompe em forma de atos falhos, sonhos, chistes para aliviar o contingenciamento da língua, enquanto busca seus destinos (Freud, [1915] 2013). Ao buscar esses destinos (a neurose, a sublimação ou/e a somatização) e, no caminho, buscar os alívios na linguagem valendo-se das brechas, a pulsão motiva a deriva do sujeito e se põe sempre a postos para municiar sua resistência às injunções ideológicas da língua.

Enfim, se para a AD há o assujeitamento pela ideologia, num movimento centrípeto, para a Psicanálise há a resistência a esse assujeitamento pela pulsão, num movimento centrífugo. O sujeito é sujeito ideológico e sujeito pulsional ao mesmo tempo, vivendo a agonística das contradições do Simbólico da língua, buscando abrigo

no Imaginário construído, mas fustigado pelo Real que não cessa de se fazer presente.

Podemos dizer, então, que o sujeito do inconsciente é exterioridade ao sujeito ideológico. É uma exterioridade ligada materialmente pela categoria do sujeito e pelo registro do simbólico na interpelação e na resistência. Assim, embora o sujeito do Discurso não seja o sujeito da Psicanálise, a AD leva em conta a relação da ideologia com o inconsciente.

O que motiva, afinal, a discussão sobre Psicanálise aqui?

4. À guisa de conclusão: percursos andados e caminhos a percorrer

Nesses 50 anos da AAD-69, obra inaugural da AD, muita coisa aconteceu. Temos, hoje, o benefício de olhar para trás e compreender os movimentos que Michel Pêcheux produziu no calor do momento, de forma inquieta sempre, desde as “grandes construções” até “a desconstrução domesticada”, nas nomeações de Maldidier (1990a).

Desde cedo, Pêcheux traz a Psicanálise para pensar um sujeito fora do idealismo, cujo sujeito agente não lhe servia, com tudo o que significava política e teoricamente trazer a Psicanálise para dialogar com o Materialismo de então. Pêcheux não abandona a Psicanálise no caminho. Ao contrário. Vai percebendo cada vez a necessidade de reinscrever o sujeito dividido com base em Freud e Lacan na teoria que desenvolvia.

No entanto, a Análise de Discurso não é Psicanálise e nem a Psicanálise é Análise de Discurso. Há coisas que uma pode dizer a outra e há coisas que absolutamente não lhes interessa dizer. Ao trazer a Psicanálise para o diálogo, Pêcheux inaugura uma outra forma de pensar a linguagem, no entremeio (Orlandi, 1996), às margens das chamadas ciências humanas, entre as quais ela opera um profundo deslocamento de terreno. É esse deslocamento de terreno que precisa sempre ser trabalhado teoricamente e que nos convocou a escrever esse texto, apontando a necessidade de se pensar o duplo plano em que opera o processo de subjetivação.

O duplo plano compõe-se do assujeitamento ideológico do indivíduo, objeto da AD, e a resistência pulsional do sujeito do inconsciente, objeto da Psicanálise. Por exemplo: um homossexual que apoia politicamente um candidato a presidente que se inscreve em um

discurso homofóbico, naturalizando a homofobia pelo apagamento histórico da ideologia, talvez não seja tão bem resolvido com sua sexualidade – embora possa enunciar que o seja – a ponto do desejo pulsional, que escapa à análise discursiva, fazê-lo ansiar inconscientemente por um Pai, uma lei no sentido lacaniano, que lhe dê um corretivo.

Se a língua é fascista, “porque o fascismo não consiste em impedir de dizer, mas em obrigar a dizer” (Barthes 1997, 16), há a resistência à injunção por parte do sujeito do inconsciente, que aproveita o ritual com falhas da língua para vencer pequenas batalhas de sentido. Estamos com Achard (2007) quando nos diz que:

é preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição. Por outro lado, uma vez reconhecida essa repetição, é preciso supor que existem procedimentos para estabelecer deslocamento, comparação, relações contextuais (p. 16).

Apesar dos percursos andados ainda há caminhos a percorrer. Outras aproximações entre AD e Psicanálise podem e devem ser tentadas. O interdiscurso pode encontrar na Psicanálise uma relação especular com *infamiliar* freudiano (Freud [1919] 2019)? Como pensar a relação posta por Pêcheux do inconsciente e do pré-consciente, da primeira tópica freudiana, com os esquecimentos número 1 e número 2 no quadro da segunda tópica (id-pulsão, ego-sujeito assujeitado e superego-discurso?) E os esquecimentos na relação com a distinção lacaniana outro/Outro? De que forma os registros lacanianos do Real, do Simbólico e do Imaginário, com o *objeto a* na interseção do nó, encontram encaixe na teoria do discurso, no plano da ideologia ou vice-versa? Qual é a relação possível entre “a ilusão de estar na fonte do sentido” (Pêcheux [1975] (1997), p. 169) e a inversão do *cogito* cartesiano de Lacan, que afirma que somos onde não pensamos? Essas são algumas perguntas produtivas que podem ainda ser feitas para fazer ranger as teorias, ambas, e ampliar ainda mais o caminho aberto por Michel Pêcheux pela via do sujeito do inconsciente, quando aqui, no terreno dessa discussão, ainda era tudo mato, como se diz no linguajar das redes sociais digitais.

Como bem diz Mariani (2012), o papel da Psicanálise na AD é, minimamente, incomodar os analistas de discurso com esse pouco-sentido (p. 61). E esse incômodo produtivo se deve ao fundamental pioneirismo de Michel Pêcheux, que fez do discurso e da Análise de Discurso um interesse de nunca acabar.

Referências Bibliográficas

- ACHARD, P. (2007). “Memória e produção discursiva do sentido”. In: ACHARD, P.; DAVALON, J.; DURAND, J-L; PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. *Papel da Memória*. 2. ed. Campinas: Pontes.
- ALTHUSSER, L. (1996). “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado [1969]”. In: ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 105-142.
- ALTHUSSER, L. (1984). “Freud e Lacan”. In: ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal, p. 47 a 71.
- ANDRÉ, J.; FUCHS, C. (1997). *Ordinateurs, programmation et langues naturelles*. Tours: Meme.
- BARTHES, R. (1997). *Lição*. Lisboa: Edições 70.
- CALLIGARIS, C. (2019). *Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- CONEIN, B; COURTINE, J. J.; GADET, F.; MARANDIN, J. M.; PÊCHEUX, M. (1981) *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- FREUD, S. (2019). *O infamiliar [Das Unheimliche] [1919]*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FREUD, S. (2013). *A pulsão e seus destinos [1915]*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- GADET, F.; HAK, T. (org) (1997). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- GADET, F.; LÉON, J.; MALDIDIER, D.; PLON, M. (1997). “Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969”. In: GADET, F.; HAK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. (2007). “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”. In: BARONAS,

- Roberto L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- HELSLOOT, N.; HAK, T. (2007). *Pêcheux's contribution to Discourse Analysis*. FORUM: qualitative social research. Vol 8 n 2, Art 1. Berlin.
- HENRY, P. (2013). *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP.
- HERBERT, T (PÊCHEUX, M.). (1995). *Observações para uma teoria geral das ideologias*. Rua, 1, Campinas: Editora da Unicamp, p. 63-89.
- HERBERT, T. (PÊCHEUX, M.). (2011) “Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social”. In: ORLANDI, E. (Org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, p. 21-54.
- LACAN, J. (1982). *O Seminário, livro 20 – mais, ainda...* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1998). *O seminário, livro 11 – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2005). *O Seminário, livro 10 – a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2005). “O simbólico, o imaginário e o real”. In: LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MALDIDIER, D. (Org.) (1990a). *La inquietude du discours: textes de Michel Pêcheux choisis e présentés par Denise Maldidier*. Paris: Éditions des Cendres.
- MALDIDIER, D. (1990b). “(Re)lire Michel Pêcheux aujourd’hui”. In: MALDIDIER, D.(Org.). *La inquietude du discours: textes de Michel Pêcheux choisis e présentés par Denise Maldidier*. Paris: Éditions des Cendres.
- MARIANI, B. (2012). “Larissas: ou quando a falta do sentido faz sentido outro”. (2012). In: MARIANI, B.; ROMÃO, L. M. S.; MEDEIROS, V.(orgs). *Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*, Rio de Janeiro: 7Letras.
- MAZIÈRE, F. (2007). *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola.
- NARZETTI, C. (2012). *O projeto teórico de Michel Pêcheux: de uma teoria geral das ideologias à Análise do Discurso*. São Paulo: Annablume; Manaus: Fapeam.

- ORLANDI, E. (1999). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes.
- PÊCHEUX, M. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (1997). “A Análise de Discurso: três épocas”. In: GADET, F.; HAK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso*. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, p. 61- 162.
- PÊCHEUX, M. (1988). “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp.
- PÊCHEUX, M. (1990). “Remontons de Foucault à Spinoza”. In: MALDIDIER, D. (Org.). *La inquietude du discours: textes de Michel Pêcheux choisis e présentés par Denise Maldidier*. Paris: Éditions des Cendres.
- PÊCHEUX, M. (1988). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- PÊCHEUX, M. (1997). “Análise Automática do Discurso - AAD-69”. In: GADET, F.; HAK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso*. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, p. 61- 162.
- PÊCHEUX, M.; GADET, F (2011). “A língua inatingível”. In: PÊCHEUX, M. *Análise de discurso: textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX M.; FUCHS, C. (1997). “A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas”. In: GADET, F.; HAK, T.(org). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp p.163-252.
- SAFATLE, V. (2007). *Lacan*. São Paulo: Publifolha.
- SOUZA, S. A. F. (2014). *Análise de discurso: procedimentos metodológicos*. Manaus: Census.
- SOUZA, S. A. F. (2006). *Conhecendo análise de discurso: linguagem, sociedade e ideologia*. Manaus: Valer.
- TFOUNI, L.; PROTTIS, M.; BARTIJOTTO, J. (2017). ... lá onde o amor é tecido de desejo ...: *lalangue e a irrupção do equívoco na*

língua. Cad. Psicanál. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 39, n. 36, p. 141-159, jan./jun.

Palavras-chave: AAD-69, Psicanálise, Resistência.

Keywords: AAD-69, Psychoanalysis, Resistance.

Notas

* Doutor em Linguística (UNICAMP) e psicólogo clínico. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFAM). Líder do Grupo de Pesquisa Discurso e Práticas Sociais (UFAM/CNPq).

¹ PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In PÊCHEUX, Michel. (1988).

² Pêcheux, em depoimentos dado a Woetzel e Geir, citado em HELSLOOT, Niels; HAK, Tony (2007) afirma: "Éramos fascinados por Harris porque sentimos que ele poderia oferecer algo que permitisse escapar de posições hermenêuticas meramente intuicionistas e posições positivistas 'lexicométricas'".

³ A interface informatizada da teoria permaneceu ainda por um bom tempo, até perder força na década de 1980.

⁴ Para maiores explicações sobre o processo de análise, cf. ORLANDI (1999) e SOUZA (2014).

⁵ Paul Henry (1993) propôs o termo "pré-construído" para dar conta da presença do outro e para designar o que remete a uma construção anterior e exterior ao discurso do sujeito. O que se escuta é sempre atravessado por algo que já foi dito, atravessado por um dito anterior. Para Henry, o discurso não funciona de modo isolado, ele está sempre ligado a outros discursos que se convocam, que são convocados por sua materialidade. O pré-construído é algo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, determinado materialmente no interdiscurso. Em outros termos, o pré-construído é um elemento do interdiscurso reinscrito no (intra)discurso e se caracteriza por ser proveniente da exterioridade, numa proveniência que é esquecida.

⁶ As atas do colóquio estão em CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean Marie; PÊCHEUX, Michel (1981).

⁷ Cf. PÊCHEUX (1977) in MALDIDIER (1990a). A admoestação de Michel Pêcheux em *Remontemos* reclama uma preocupação política e prática dos acadêmicos universitários envolvidos com a análise do discurso. Pêcheux cobrava o posicionamento político de seus colegas dentro da contradição marxista da luta de classe e fazia coro ao marxismo que afirma que Foucault, ao secundarizá-la, esvaziava essa luta.

⁸ O fascínio de Michel Pêcheux pela informática sempre foi muito claro. Houve, inclusive, um início de atualização dos procedimentos informatizados nos anos 1980, com o *software* DEREDEC, levado a cabo após a morte de Pêcheux (cf. Mazière, 2007, p. 71).

⁹ O texto encontra-se traduzido em português em *Semântica e discurso* (Pêcheux, 1988).

¹⁰ A nota 22 de *Só há causa...* é um excelente exemplo do que Pêcheux argumenta. "Esse ponto de realização impossível do assujeitamento 'perfeito', no interior do

processo de trabalho imposto pelo modo de produção capitalista, surge nessas poucas linhas, tiradas da narrativa autobiográfica de um militante intelectual empregado durante um ano como OS 2 em uma das indústrias Citroën; ele fala do trabalho em série: E se a gente se dissesse que nada tem muita importância, que basta se habituar a fazer os mesmos gestos de uma forma sempre idêntica, aspirando somente à perfeição plácida da máquina? Tentação de morte. Mas a vida se revolta e resiste. O organismo resiste. Algo no corpo e na cabeça, se fortalece contra a repetição e o nada. A vida: um gesto mais rápido, um braço que pende inoportunamente, um passo mais lento, um sopro de irregularidade, um falso movimento, a 'reconstrução', o 'escoamento', a tática do posto; tudo o que faz com que, nesse irrisório quadrado de resistência contra a eternidade vazia que é o posto de trabalho, haja ainda acontecimentos, mesmo minúsculos, que haja ainda um tempo, mesmo monstruosamente estirado. Esse desajeito, esse deslocamento supérfluo, essa aceleração súbita, essa solda fracassada, essa mão que retoma a vida que se liga. Tudo o que, em cada um dos homens da cadeia, urra silenciosamente: "Eu não sou uma máquina!" (Pêcheux, [1978], 1988, p.306)

¹¹ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

¹² Jacques Lacan ([1953] 2005) apresenta o nó borromeu, em que aborda os três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Não há espaço neste texto para uma elaboração profunda sobre os registros lacanianos e a AD, o que requeria uma discussão particular. Um excelente texto a respeito é Tfouni, Protis e Bartijotto (2017).